é preciso saber deixar cair o passe

Marie-Jean Sauret

Já leitor de Freud e Lacan, entrei em análise porque meus sintomas me obrigaram a não dar crédito aos saberes de que eu dispunha e não duvidava da existência de um saber mais eficaz. Faltava encontrar o sujeito apto a conceder esse saber. Por mais casualmente que o analisante encontre um analista, que por sua vez reconduz a demanda do analisante a uma pura suposição, a transferência permite a este último se libertar dos saberes que ele frequenta: destino ignorado.

Certamente o analisante espera contornar o que ele imagina lhe causar o maior horror e, à medida que constrói a fantasia, percebe o quanto ela orienta a associação pretensamente livre. Ao término, descobre que esse horror da figura do pai real é tão-somente o que ele lhe atribui. A fórmula se presta à confusão porque dá margem a uma direção de tratamento que se aproveita da idéia mais precisa que o analisante vem a ter de sua fantasia, para a confrontar com um esgar do analista que imita o monstro. O efeito é inevitável: "Então era só isso!", em que se pode ler, junto com a decepção do sujeito, seu apelo a Um que não o engane, sua veneração e seu ódio pelo desmistificador. A transferência estendida até esse ponto tem belos dias pela frente.

Alguns buscam na doutrina uma justificativa para essa orientação: o pai real seria apenas um operador lógico. A fórmula de Lacan é desviada no sentido de uma expressão matemática, como se, com a denúncia do falso esplendor imaginário do pai real, todo o real se reduzisse ao imaginário (a figura) ou passasse ao simbólico (o operador), deixando ao sujeito a efetivação cínica de uma fantasia contra a qual ele não receia mais qualquer represália.

Parece-me necessário lembrar que o sujeito alcança a certeza de que não há sujeito algum, não mais simbólico que imaginário, apto a responder por seu sintoma. Na verdade, nenhum Outro mantém uma combinação da linguagem com a qual ele se debate, o corpo que ele imagina e o gozo cujo real o sintoma comemora — nenhum Outro senão o sintoma que ele é, a parte de gozo ineliminável e irredutível que ele deve ao fato de portar o significante no real. Esse resto de gozo, um traço de perversão — mas a clínica está por se fazer —, é ao

que ele se reduz, mas é também onde se funda sua certeza de que não existe o Outro significante que vá reabsorvê-lo num saber. Fim da demanda e, nesse ponto, fim da transferência analítica.

Certos analisantes consentem nessa redução. É dela que lançam mão na cura de um outro analisante, para cavar no Outro aquilo que eles são como furo e fazer semblante do objeto para o recém-chegado. O analista pode ter uma idéia do que sucede ao analisante, mas, por definição, o analisante coloca exatamente essa idéia em xeque, como vemos no testemunho de Freud sobre análise terminável e interminável. É isto que leva o analisante a prestar contas desse ponto de passe, por falta de Outro que o faça em seu lugar. É também o que leva a fazer Escola, isto é, a constituir um endereço e uma comunidade a partir do único fato de que seu esforço de explicação com o silêncio do Outro exige companhia. Assim é a transferência de trabalho, em que, pelo menos em seus fundamentos, ele é antinômico à transferência analítica.

Mas convém examinar minuciosamente o que acontece. O sujeito se esforça para se dar uma explicação que convenha e sustente a posição que ele julga ter com seus analisantes, esforça-se para partilhar sua convicção com uma comunidade de trabalho, é o primeiro a trazer a seus colegas os elementos que lhe parecem fazer eco a sua experiência e aprimorar sua própria explicação. Estando inteiramente a serviço da construção do significante de uma falta estrutural no Outro, a construção do analisante, sua comunidade encontrada, a doutrina que se deposita, não se arriscam a concorrer para ressuscitar o Outro (do Outro), a colmatar a brecha aberta pelo sujeito ao retirar sua presença de sujeito, a fabricar um Outro ainda mais consistente seguindo o modelo dos regimes políticos que, segundo Lacan, instalam-se após as revoluções e que, portanto, permitiram verificar que o sujeito não é casado com qualquer ordem social estabelecida? Ou seguindo o modelo que Octave Manoni soube extrair de Freud: "Sei muito bem que o Outro não existe, mas ainda assim...", fórmula por trás da seita apontando o dedo para a ponta do seu nariz!

A meu ver, a transferência analítica só é liquidada no ponto exato em que o tratamento permite atravessar a fantasia. O que não livra o sujeito, nem da fantasia, nem do significante, nem da transferência. É claro que se pode colocar uns e outros a serviço da transferência de trabalho. Mas não se recebe por milagre a ética da psicanálise como uma qualidade que não exige qualquer outro consentimento. Certamente, a ausência

do Outro alivia a pressão do supereu, mas coloca o sujeito diante de suas responsabilidades. E certamente isso funciona no sentido de se prover o melhor possível de uma teoria da objeção que, enquanto teoria, vai contra o passe. Essa propensão só demanda que se coloque a serviço do que chamamos o Um da transferência. Que haja Um que nos alivie do esforço constante para nos mantermos no nível do que é exigido pelo furo do Outro para ficar no furo que o analisante conseguiu ser.

Por esse motivo acredito, como Albert Nguyên propôs há muito tempo, que o A.E. deve deixar cair sua construção. Mas, além disso, parece-me que não há um atravessamento do passe tal que o sujeito possa se voltar e ver o dia através da janela que sua fantasia abriria doravante no Outro. Se precisasse tomar emprestada uma imagem, seria mais a da janela pintada por Magritte, em que o espectador vê a realidade externa através da vidraça, mas com uma fresta entreaberta para o furo negro do real. É nesse ponto que o sujeito deve tentar se manter, lutando contra o fechamento e a colocação de cortinas doutrinárias. Para se manter nesse ponto, é preciso deixar cair seu próprio passe. Ter chegado lá uma vez — ou que outros hajam dado depoimento de ter se aventurado até lá — não dá outro privilégio além de confirmar o real do passe e não garante que alguém se mantenha lá.

Pergunto-me se meu vínculo com a Escola da Causa Freudiana não se mantém hoje, em parte, por nostalgia da minha experiência de passe. É essa mesma nostalgia que às vezes impede o retorno à análise ou à supervisão! À luz dessa convicção, encontro novos ares no dispositivo que Lacan nos deixou: a dissolução da Escola, desde que sua consistência vai concretamente contra o passe, o turbilhão contra a tentação da consistência, até a escolha de Lacan (já presente em Freud) de não tomar parte oficialmente na direção, acrescentando-lhe esse toque que lembrei e que provocou a "tirada": "Se inventei o passe, não foi para me meter nisso". Devo ainda lembrar a posição ética que Lacan julgava ter e que é incontestável (para discutir legitimamente sua neutralidade institucional): "Se há alguém que passou seu tempo passando o passe, este sou eu!".

O que confirma sua tripla invenção, do gozo, do objeto *a* e do real, reivindicadas por ele como tais, e dá um relevo particular à idéia de Colette Soler ao nos reunir sob o significante de *campo lacaniano*, o campo criado de fato pela invenção do gozo, para mencionar o mais antinômico, não somente com relação ao significante, mas também ao laço social

— o campo onde o sintoma tem chance e, portanto, a psicanálise também.

Acontece que a psicanálise não se transmite. Temos de trabalhar para manter as condições de sua reinvenção em cada tratamento, em torno do ponto em que o Outro se demite, mesmo o Outro da psicanálise. Parece-me que "Campo Lacaniano" também diz isso. Podemos tirar disso uma conclusão para nossa organização. Temos a Associação dos Fóruns do Campo Lacaniano, temos agora o Espaço-Escola, e temos ainda as Formações Clínicas do Campo Lacaniano. Não sei se podemos homologar a Escola no real (porque se concentra em torno do mínimo necessário ao funcionamento do passe — a psicanálise —, a fim de evitar tanto quanto possível os efeitos de grupo), a Associação no simbólico e, um paradoxo, as formações clínicas no imaginário, pois nós mesmos sustentamos que elas não formam nem autorizam psicanalistas.

A questão que se coloca é a do estabelecimento dos psicanalistas, que resolve o problema da transmissão da psicanálise e confere a cada círculo sua eficácia, inscrevendo-os na mesma lógica. A distinção entre Um da direção e Um da orientação é uma maneira de legitimar a independência da Escola e da Associação. Mas, na AMP, a exploração do Um da transferência permite reunir em um nome não somente a Escola e a Associação, mas o órgão de ensino. Esse aplainamento dá continuidade ao que a topologia borromeana permite diferenciar, para dar o tríplice que Lacan identifica explicitamente como o nó paranóico.

A meu ver, o quarto círculo é o próprio psicanalista. O que faz as coisas se manterem está na medida do consentimento de cada um ao desejo do psicanalista. É assim que compreendo a insistência de Lacan em 13 de abril de 1976: "...não é a psicanálise que é um sintoma, é o psicanalista" (poderíamos reunir a identificação e o sintoma). Por isso é urgente fazer com que a nossa experiência do passe seja bem sucedida.

Certamente alguém se recorda de uma passagem em que Lacan qualifica a própria psicanálise como sintoma. Essa passagem encontra-se na "terceira". Mas se trata da psicanálise bem sucedida, que vence o sintoma. Então ela se extingue e será sintoma de uma realidade esquecida. Talvez me achem deslocado. Mas sinto que o campo freudiano confiscou o passe e trata a crise com a tese do "nada se passou", por razões estruturais. A prática da psicanálise coletiva e da interpretação pública, a composição da Escola das Escolas, a identificação do Analista com a nova doutrina pregada em Toulouse, segundo a

qual a análise se interrompe quando o mal entendido cessa, posto que a psicanálise compreende a língua do analisante e nesse ponto ele não se interessa mais, não são também indícios do fim do sintoma? Essa psicanálise é o sintoma de uma realidade esquecida!

É preciso saber deixar cair o passe... para dar chance ao passe.

